

ARAUJO LIMA

**E**MPOLGADO pelos problemas da Amazônia, a que se afeiçoara desde o berço, pois nascera em Muaná, a 9 de maio de 1884, JOSÉ FRANCISCO DE ARAÚJO LIMA diligenciou instruir-se devidamente para lhes bem examinar as particularidades.

Iniciando os estudos em Manaus, transferiu-se à Bahia, para se matricular na Faculdade de Medicina, cujo curso ultimou, após breve interrupção motivada por injunções financeiras, no Rio de Janeiro.

Diplomado, empreendeu, assim que lhe foi possível, maior aperfeiçoamento, na Faculdade parisiense, onde freqüentou o curso de medicina tropical, e no Instituto Pasteur.

De regresso, coube-lhe mais de uma comissão no Estado, que lhe permitiria viajar pelo território amazonense e observar de perto as condições de aclimação do homem ao ambiente caracterizado pelas atividades do rio majestoso.

Depois de amplo exame, entregou aos prelos o livro, que lhe compendiava as investigações: *Amazônia — a terra e o homem*.

Diferente de outros, que o antecederam, na ânsia de decifrar os segredos regionais, não continha nenhuma apologia, nem malsinava os agentes naturais, increpados, não raro, de hostilidades inflexíveis à vida humana.

O ensaísta, para melhor entendimento do problema que se lhe deparava, começou por firmar conceitos modernos, em relação ao meio e raça.

Quanto ao primeiro, opina, seguro: — “a geografia não faz a história; mas não se lhe pode negar influência na evolução da humanidade. Não há uma força cega e brutal, impulsionada por fatal determinismo; mas, em função do “complexo organismo-meio” e por consequência de suas interações, processa-se o trabalho biológico e social da adaptação”.

Não se alista, pois, entre os que atribuem ao determinismo geográfico a origem de todas as transformações por que tem passado a humanidade.

Diversamente “o homem primitivo apropriara-se da natureza instalando-se na caverna; o homem histórico constrói a sua habitação. O primeiro apodera-se da obra da natureza; o segundo faz uma segunda natureza, faz o seu ambiente”.

Em relação à raça, lembra a orgulhosa teoria de GOBINEAU, exposta no Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas, de 1884, que não resistiu às provas exigidas por sábios pesquisadores.

Sem dúvida, “pode haver raças superiores e raças inferiores, sociologicamente falando; antropológicamente, a diferenciação é muito menos nítida, menos segura”.

E cita, a propósito, o caso do Japão, considerado em grande atraso, quando pretendeu emparceirar-se com os povos mais adiantados da Europa.

Sem que recebesse contingente algum de imigração, que lhe alterasse o tipo antropológico, recorreu à educação intensiva, por todos os meios, e ao fim de meio século, já se incluía entre as grandes potências, a ponto de pretender avassalar a Ásia inteira, onde continuavam, no entanto, a viver em condições precárias outros povos, não beneficiados por análogos esforços de aprendizagem das técnicas aperfeiçoadas pela civilização.

Quanto à população regional, distinguiu dois grupos, dos caboclos que se quedaram à entrada do rio majestoso, e dos nordestinos, tocados pela seca inexorável, que procuraram de preferência os altos cursos dos rios opulentos de seringueiras.

Lá, empolgados pela sangria das árvores, que lhes retribuía generosamente o esforço, com a abundância de latex valioso, desprezaram a lavoura, em cuja labuta se exercitavam em sua terra natal, para se alimentarem de conservas, além dos artigos de fácil apanha, como frutas silvestres, peixe e caça.

Diferentemente, o parceiro, mestiço de luso e ameríndio, arraigado no Baixo Amazonas, a pouco e pouco deixava a indústria extrativa e reduzia os seus afazeres a limitada roça, apenas proporcionada ao consumo doméstico, e pescaria de espécies compensadoras do seu esforço, como a tartaruga, o pirarucu, o peixe-boi.

Mal nutridos, tanto os seringueiros transferidos do Nordeste ensolarado para o sombrio das florestas opulentas de héveas, como os ribeirinhos do estuário, cuja impressionante indolência o autor examinou, atento, e atribuiu à carência alimentar, não poderiam evitar as consequências maléficas do assalto à Amazônia, destrutivo de suas riquezas naturais.

A Terra, espoliada sem dó, e o Homem, maltratado por morbos derreantes.

Nem o determinismo climático, já superado em mais de um cometimento, nem a inferioridade étnica dos povoadores, que mostraram, em mais de um lance, possuir energia suficiente para sobrepujar os obstáculos naturais que se lhes deparem.

Do próprio mal, porém, derivou o remédio, quando a economia amazônica ruiu, com a desvalorização da borracha, em consequência da avassalante concorrência das plantações asiáticas.

Contido nos trabalhos devastadores, cuja produção progressivamente se depreciara até ínfimos preços, que já não lhes compensavam o penoso esforço da extração, o seringueiro experimentou cultivar o solo dádivo, para ao menos ter garantida a própria subsistência.

E das hortas, dos pomares, das roças, as colheitas de legumes frescos, de frutas, de cereais, permitiram melhorar a alimentação, que, na quadra anterior, de falaz opulência, patenteava carência de vitaminas, geradora de males terríveis.

O beribéri que o apavorava, ao fulminar-lhe os companheiros, em assaltos fatais, começou a rarear, à medida que se evitava a importação de gêneros em conserva, adstritos à deterioração.

Por fim, o "beribéri desapareceu dos nossos quadros nosográficos", afirma o douto escritor. E acrescenta: "o beribéri é uma avitaminose.

Independente do ar, do solo e da água. Depende apenas da qualidade da alimentação. Enquanto o homem, para equilíbrio do seu orçamento, plantar para comer, terá nutrição suficiente e sã, e estará livre do terrível mal".

E, assim, da própria crise resultou a maior vantagem para a população dependente das atividades seringueiras.

"Contingência de um momento crítico da evolução econômico-financeira daquela terra, o advento da agricultura redimiu o habitante do Amazonas de um coeficiente máximo de intoxicação.

*Ensaiou-se, praticou-se a indústria agrícola em tôda parte".*

Esse, o argumento básico do higienista, que atribui a insalubridade regional à importação de várias doenças, transmitidas pelos colonizadores europeus.

Outrora, não se manifestava o determinismo climático, nem a seleção telúrica, mais tarde referida por viajantes alarmados com a grave sintomatologia a que sucumbiam os adventícios, cuja aclimação naquele ambiente argüiam de impossível.

Para que, porém, o paludismo se propagasse entre os ribeirinhos, tornou-se necessário o concurso do culicídeo, que por lá os molestava, sem maior malignidade, além da irritação cutânea, e sangria causada pela simples sucção, com o imigrante maleitoso, cujo organismo o protozoário de LAVERAN invadira.

Completava-se destarte o ciclo evolutivo do agente morbígeno, antes impossível, pela carência de um dos elementos da cadeia, constituído pelo doente humano, de cujo sangue contaminado o hematofago transportava, para o indivíduo sã, o causador de suas sezões futuras.

Pouco interfere o clima em tais ocorrências, que tanto se verificam entre os trópicos, onde lhes serão mais intensas as manifestações, de acôrdo com a exuberância dos fenômenos vitais, como em algumas regiões temperadas, onde se tenha aclimado o agente transmissor.

"Descobre-se, conceitua então o escritor, que a conexão entre o quadro natural e o homem é estabelecido por certos seres vivos, que são elementos mecânicos e fisiológicos da propagação das doenças infecciosas, cuja geografia passa a ter relações importantíssimas com a geografia humana".

"Chegou-se a compreender, acrescenta, que certos fenômenos não dependem da raça nem do meio, embora dessem tal impressão e por ela fôssem interpretados".

E após explicar, com os argumentos derivados da campanha saneadora do Rio de Janeiro, levada a bom termo por OSVALDO CRUZ, os fenômenos aparentemente favoráveis aos sustentadores de doutrinas adversas, conclui:

"O determinismo climático tem pesado inexoravelmente sobre a interpretação de certos fatos de distribuição dos povos sobre a Terra; o imperativo racial, paralelamente, orienta tal análise no sentido apriorístico".

"Com o progresso higiênico, reduzir-se-ão dia a dia os limites das zonas chamadas incompatíveis com a vida humana".

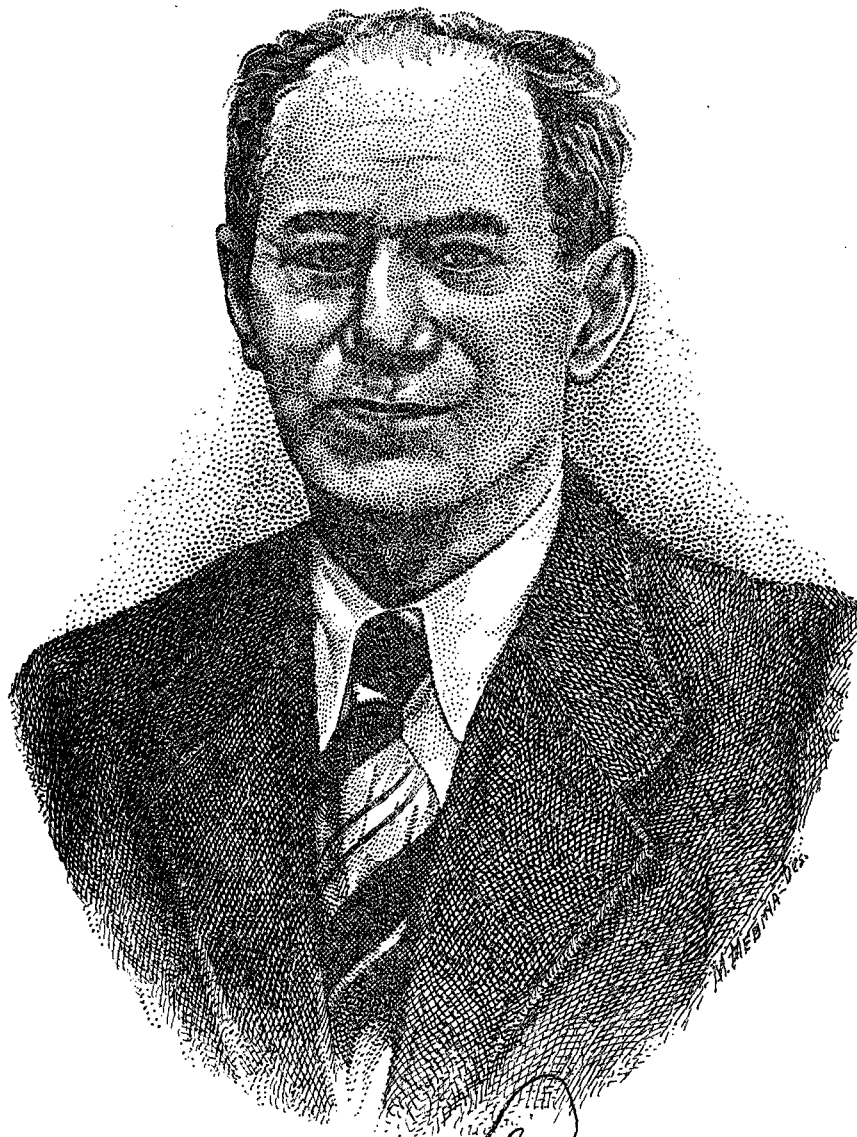
Amparado nestes postulados fundamentais, contestou o parecer dos que incluem a Amazônia entre as paragens hostis ao Homem.

Em sua opinião, os defeitos notados procedem tão somente da carência de educação e de defesa sanitária, binário de cuja execução depende o futuro daquela região, onde os fenômenos biológicos se manifestam com mais intensidade, sejam favoráveis ou contrários ao povoamento, e por isso devem ser controlados pela ciência.

Dessa idéia básica não se afastaria jamais ARAÚJO LIMA, que a propagou em discursos, com a eloquência convincente de professor esclarecido, em livros, entre os quais sobressai a Amazônia — a terra e o homem, em ensaios avulsos, como o que saiu estampado em um dos números da Revista Brasileira de Geografia. (Ano V — set. de 1943).

Todos convergem para o mesmo objetivo, de redenção da Terra malapreciada e revelam conhecimentos de raiz que adquiriu acerca do magno assunto, ao exame do qual consagrou as suas atividades de pesquisador arguto, que se preparara previamente para bem interpretar os fenômenos referentes à fixação dos povoadores na região, a que se devotara saçazmente, como higienista e geógrafo.

VIRGÍLIO CORREIA FILHO



*Araysherman*